



Resenha do livro *Uma temporada com Montaigne* de Antoine Compagnon¹

Alexandre Soares Carneiro²
alex@unicamp.br

Antoine Compagnon (Bruxelas, 1950) já havia deixado sua marca na bibliografia especializada sobre os *Ensaaios* com dois livros (*Nous, Michel de Montaigne*, 1980; *Chat en Poche. Montaigne et l'allégorie*, 1993) e vários artigos. Seus trabalhos equilibram a meticulosidade do pesquisador, a vocação ensaística e a clareza do professor. Esta combinação reaparece nesse pequeno livro que tem o mérito não negligenciável de se dirigir agora ao “leitor comum” sem reduzir nosso autor à condição de “guia de perplexos”, um sábio pacato que poderia nos ensinar “como viver”.

Uma temporada com Montaigne nasce de um programa radiofônico difundido pela France Inter. Curtas inserções diárias ao longo do verão de 2013 se transformaram em 40 breves capítulos, cobrindo os grandes tópicos dos *Ensaaios*. Se seu título original (*Un été avec Montaigne*) alude à descontração do veranista equilibrada por uma certa *dignitas* literária, Compagnon está ciente das dificuldades do empreendimento: como segmentar uma obra tão ampla sem descaracterizar sua complexidade ou neutralizar seu espírito de contradição? Incorporando o tom espontâneo do seu modelo, as escolhas são naturalmente pessoais, mas não propriamente caprichosas. São genuínos questionamentos da e a partir da obra, sempre ancorados em passagens do original que cristalizam as importantes indagações formuladas por Montaigne. Aqui notamos o quão adequada fora a síntese proposta por Merleau-Ponty (em “Lecture de Montaigne”): *Não se trata de resolver o problema do homem, mas de descrever o homem como problema.*

1 Antoine Compagnon. 2015. *Uma temporada com Montaigne*. Tradução Rosemary Costhek Abílio. São Paulo : WMF Martins Fontes.

2 Doutor em Teoria e História Literária. Professor Assistente no Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Os primeiros comentários são dedicados a textos do livro III, o mais amadurecido dos volumes dos *Ensaïos*. É estimulante que Compagnon proponha de entrada uma discussão sobre o *engajamento* de Montaigne, com base no capítulo de abertura daquele tomo (“Do útil e do honesto”). Trata-se de um desafio à pacífica aceitação do autor como um *honnête homme* refugiado em sua biblioteca. Somos lembrados das importantes responsabilidades políticas assumidas pelo *Sieur de Montaigne* – duas vezes prefeito de Bordeaux e ator diplomático junto aos soberanos franceses ao longo de um período em que o reino foi abalado por intermináveis guerras civis e religiosas. É-nos revelado alguém não só enfronhado nos acontecimentos históricos como também visceralmente inserido na densa tradição da filosofia moral e política humanista. Montaigne navega por leituras e eventos com firmeza, mas ciente dos limites de sua visão: observando tudo com perplexidade e prudência. A análise proposta por Compagnon explora a fecundidade dos paradoxos flagrados pelo autor: assim, por exemplo, no traiçoeiro território moral e político, o agir honesto é, frequentemente, também o mais útil. “Se a convicção moral não nos impelir à honestidade, então a razão prática deveria fazê-lo” (p. 12)

Os capítulos seguintes reforçam a imagem de um pensador para quem a meditação pessoal se nutre de uma intensa conexão com o “outro”. Coerente com esse viés, Compagnon tenta, em seguida, acompanhar as guinadas do autor em sua reflexão sobre a conversação (III, 8 “A arte da conferência”), importante texto no qual Marc Fumaroli divisou um verdadeiro “discurso do método”. A abordagem cética, de acumular as contradições, não se separa de uma dimensão ética. “Montaigne lamenta que seus contemporâneos não o contestem bastante, porque têm pavor de também se ver contestados.” Indagar é acolher a diversidade exterior, e para isso precisamos de parceiros à altura, aptos a evidenciar nossos pontos cegos e a reconhecer os seus; ambos animados por um espírito de abertura e de combate honesto, em que se receba a verdade “em qualquer mão onde a encontrar”; até porque “suas opiniões são mutáveis e porque se contradiz sozinho.” (p. 15)

Essa perspectiva é recorrente nos demais comentários, que pontuam os grandes alertas que Montaigne nos lança a partir desta incômoda base: a instabilidade e a contradição comandam a história. A imaginação tem mais força que a razão, a morte vai reclamando seus direitos sobre nós a cada dente que nos cai. Os paradoxos alimentam seu ceticismo, e sua divisa é uma pergunta: *Que sais-je?* “A incerteza do juízo e a inconstância das ações são as palavras-chave dos *Ensaïos*, repetidas em todos os seus lugares estratégicos.” (p. 155). Sua pessoa não serve de exemplo e seu livro não tem qualquer doutrina a ensinar. Todo ensino, aliás, põe em risco a boa natureza, ainda pujante nos indígenas do Brasil e nas crianças francesas, que as escolas estragam... Difícil extrair dos *Ensaïos* um punhado de máximas

consoladoras, embora acompanhar seu percurso possa nos abrir os olhos. Porque, em última análise, trata-se de uma busca da sabedoria.

Buscando a sabedoria na solidão, Montaigne esbarrara na loucura. Se a melancolia está na origem dos *Ensaio*s, a escrita – esse aceno ao outro – pode aparecer como um remédio, cuja fórmula, no entanto, é individual. O autoexame socrático, fazendo-se livro, convida leitores de boa-fé, dispostos aos rigores do exercício espiritual que ele suscita. A gestação dos “ensaio” se nutre de leituras, mas o percurso pelos livros é descontínuo. Ele deve ser como a viagem, induzindo-nos ao ceticismo pela percepção da variedade de opiniões e modos de vida. Os navegantes lhe trazem notícias dos povos da América e seus costumes singulares. A língua francesa, desalojando o latim, o aproxima deste novo continente, o das mulheres leitoras... Aqui e ali, a irreverência tempera o imperativo da franqueza.

Como quer que seja, esse diálogo de Montaigne com os outros seria justamente “uns dos aspectos mais originais dos *Ensaio*s” (p.81). O *outro*, naquilo que ele traz de admirável, mas também de desconcertante, de monstruoso, e mesmo de tolo. Com a tolice alheia, tanto quanto com o ensinamento dos sábios, tomamos a medida da nossa própria insuficiência, o que impõe reavaliações de nossa conduta. “A convivência com o outro conduz ao encontro de si, e o conhecimento de si conduz de volta ao outro”(p. 82). Pois “é preciso viver entre os vivos” (III,8). “O afastamento de Montaigne nunca foi uma recusa dos outros, e sim um meio de melhor voltar a eles. Não houve em sua vida duas partes, a primeira ativa e a segunda ociosa, e sim intermitências, momentos de recolhimento e de meditação, seguidos de retornos à vida civil e à ação pública.” (p. 82.).

Um homem engajado no mundo, mostra Compagnon, mas que soube se valer de um salutar recuo. Estoicamente, Montaigne não se confunde com o prefeito. Como cético radical, tampouco consigo mesmo: ele em um instante e logo depois são dois; “quando melhor, impossível dizer” (III, 9, “Da vaidade”). Os prolongamentos dissonantes ou contraditórios (as *couches* que acrescenta ao longo do tempo) trazem um timbre irônico, já perceptível na famosa advertência “Ao Leitor”. “O ceticismo de Montaigne é extremo: a primeira redação dos *Ensaio*s não era inferior; a idade não contribui para a sabedoria”. Outro “paradoxo evidente”: apesar dos volumosos acréscimos o autor mantém que seu livro é sempre o mesmo. “Essa é uma contradição que ele assume: sem dúvida sou inconstante, estou continuamente mudando, mas me reconheço na diversidade e na totalidade de minhas ações e pensamentos.” (p. 87).

Ao lado do engajamento e do apelo ao paradoxo, a ironia e a irreverência intrínsecas à escrita e ao “método” de Montaigne são pontos destacados por Compagnon. “Montaigne zomba de si mesmo e de sua obra ao comparar-se com um artesão”, cujo produto “é apenas uma junção de pedaços justapostos” (p. 86).

Ele se deixa atrair “por detalhes que podem parecer muito acessórios”, como no capítulo “Sobre os cheiros” (I, 55; p. 155), e envereda por anedotas sobre a vida dos filósofos. “Montaigne multiplica os pontos de vista, contradiz-se, mas é porque o próprio mundo está repleto de paradoxos e incoerências.” (p. 158). Nem sempre é fácil, aliás, discernir entre a brincadeira e a seriedade nos *Ensaio*s, ponto em que julgo identificar um viés *joco-sério* recuperado da Antiguidade, na melhor tradição erasmiana. Traços que dificultam uma abordagem dos *Ensaio*s como um repertório de ensinamentos edificantes.

Ao tratar dos aspectos literários da obra, Compagnon revela mais uma vez sua capacidade de referenciar de modo sintético os textos a realidades histórico-culturais peculiares. Se uma pertinente evocação de Maquiavel pontuou a abertura do livro, destaque-se a acuidade com que faz sobressair, mais ao final da obra, a propósito do estilo dos *Ensaio*s, um outro modelo renascentista incontornável: *O livro do Cortesão*, de Baldassare Castiglione (capítulo 33, “A desenvoltura”). Ali ele esquematiza, sem os banalizar, aspectos técnicos das especulações retóricas disseminadas no período, abordando um tema (*a brevitatis*) que já discutira em texto do início de sua carreira (“La brièveté de Montaigne”, 1984); com a costumeira elegância, dá pistas para entender como o embrião da “ensaística” moderna se conecta à tradição literária renascentista.

Em contraste com passagens assim, em que a familiaridade com o período embasa leituras não triviais, Compagnon peca um pouco ao abordar o capítulo “Do pedantismo” (I, 24), pois parece prender-se à dimensão literal da diatribe contra as artes e as letras que Montaigne desfia naquelas páginas. Ali ele seria, diz Compagnon, “mais romano do que humanista, chegando a elogiar a ignorância arcaica” (capítulo 17, “O romano”, p. 75). Penso ser possível identificar no louvor de Montaigne às “nações mais belicosas de nossos dias”, que seriam também “as mais grosseiras e ignorantes”, justamente aquela visada, colorida pela ironia, típica do “elogio paradoxal” humanista. Aquele tão metódico “elogio da insciência” faz pensar, precisamente, no *Elogio da Loucura*. Em sua introdução a uma recente edição dessa obra, a tradutora brasileira, Elaine Sartorelli, propõe, aliás, a *declamatio* latina como “um modelo para os ensaios de Montaigne”; no sentido de que essa forma, tal como explicitamente invocada por Erasmo, vale-se justamente do louvor ambíguo para efetuar uma exploração cética da realidade.

Enfim, é uma pequena nota dissonante no livro, pois as leituras propostas por Compagnon vinculam frequentemente aquele efeito de suspensão cética (entre outras dimensões filosóficas) ao próprio estilo do escritor; e, em boa medida, se inspiram nele, ao semear seus comentários com dúvidas e algumas hipóteses originais. De todo modo, com seu estilo desenvolvido, criou um diapasão muito adequado para abordar os *Ensaio*s, provando que a *brevitatis* é um limite virtuoso, e que no ócio moderno pode efetivamente ecoar algo do clássico *otium studiosum*.

Tirando partido da forma oral, potencializada pela tecnologia do rádio, a conversação proposta por Compagnon é variada e mordente, resultando em uma obra leve, mas meditada e provocativa, em que se faz sentir o vigor intelectual de suas incursões mais aprofundadas.

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos

Sistema de Avaliação: revisão por pares “duplo-cego” (Double Blind Review).

Recebido em 10/06/2020. Aprovado em 10/12/2020



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.